

António Cruz Serra Reitor da Universidade de Lisboa

“Envelhecimento do corpo docente é o maior problema”



Textos **ISABEL LEIRIA**
Fotos **JOSÉ CARIA**

Foi há três anos que as universidades Clássica e Técnica de Lisboa protagonizaram uma fusão inédita no ensino superior, com a nova Universidade de Lisboa a assumir-se como a maior instituição do país. Os resultados já começaram a aparecer, assegura o reitor. António Cruz Serra explica ainda as razões que levaram as universidades a assinar um acordo com o Governo que, ao contrário do prometido na campanha eleitoral, não aumenta as verbas para os próximos anos. Mas que prevê ajudas à contratação de docentes e investigadores.

■ **O que já ganhou a Universidade de Lisboa com a fusão?**

■ Os maiores ganhos só podem ser medidos a longo prazo,

quando soubermos onde estão os alunos atuais e os resultados da investigação. Mas podemos já fazer um balanço de curto prazo. Com a maior eficiência na gestão foi possível libertar recursos equivalentes ao salário de 80 professores auxiliares e que vão permitir combater o maior problema das universidades que é o envelhecimento do corpo docente. Conseguimos também atribuir bolsas de doutoramento a estudantes da UL, aumentámos os patrocínios, num país onde não é fácil o mecenato, ganhámos capacidade de reivindicação e relevância na sociedade, como a integração na universidade do Estádio Universitário ou do Pavilhão de Portugal.

■ **E qual foi o efeito nos rankings internacionais?**

■ No de Xangai, que é o mais prestigiado, a universidade

mais bem colocada entre as duas estava em 370º lugar. Agora, a UL está em 201º. No da Scimago, que mede a produção científica, está em 2º no espaço ibero-americano, atrás apenas da de São Paulo. Antes, as duas instituições estavam em 14º e em 26º. Esta maior relevância internacional também ajuda a captar recursos.

■ **No último sábado, Governo e universidades assinaram um contrato estabelecendo que o financiamento do ensino superior até ao fim da legislatura não sobe, nem desce. Porque é que assinaram um texto que deita por terra o que era uma reivindicação dos reitores?**

■ A minha expectativa, até pelo que disse António Costa na campanha eleitoral, era que aumentassem as verbas do ensino superior. Mas também

percebemos que a situação do país é complicada. Fala-se em sanções, o tom sobre o Orçamento do próximo ano é muito austero. Uma coisa são as intenções, outra a realidade. Por isso, considerou-se que a possibilidade de ter uma base plurianual de financiamento estável era suficientemente boa para se assinar o acordo. Além disso, o contrato também diz que o Governo apoiará a contratação de 2000 docentes e investigadores e, em particular, pagará 50% do salário de 600 novos professores para as universidades. Com este acordo e com os recursos libertados pela fusão, a UL tem condições para, pela primeira vez em 20 anos, inverter o ciclo de envelhecimento do corpo docente.

■ **Qual é a média de idade do corpo docente da UL?**

■ Nas universidades públicas

mais antigas as médias estão acima dos 55 anos. Não podemos continuar assim, nem podemos esperar mais tempo para a renovação. Desde 2009 para cá, no conjunto do que é hoje a UL, perdemos 1000 trabalhadores. Todos os anos vão reformar-se cerca de 130 professores. Temos pelo menos de repor esse número com a contratação de jovens doutorados.

■ E conseguem oferecer propostas atrativas?

■ As condições, não sendo comparáveis com salários pagos nas universidades dos EUA e do Norte e Centro da Europa, são atraentes sobretudo para os milhares de portugueses muito brilhantes que se doutoraram nos últimos 15 anos e que não tiveram hipótese de ficar a dar aulas e fazer investigação. Tenho uma expectativa grande que consigamos recrutar alguns dos que saíram.

■ No acordo assinado, o Governo promete não cativar mais verbas das universidades. Atendendo às notícias desta semana de que os valores retidos este ano podem não ser libertados, acredita neste compromisso?

■ Já faço gestão de ensino superior há muitos anos e se alguma vez houve libertação de cativações foram coisas

muito pontuais. Aquilo porque passámos nos últimos tempos faz-nos ser muito cautelosos. Mas acredito que, se não houver alterações significativas na situação atual, o acordo será cumprido

ileiria@expresso.impresa.pt

O DESAFIO DA FUSÃO

O reitor da maior universidade do país diz que "jamais" pensou vir a exercer o cargo e que só o desafio da fusão entre a universidades Técnica de Lisboa e Clássica, liderada então pelo seu ex-colega Sampaio da Nóvoa, o motivou. Antes de se mudar para a Cidade Universitária, fez do Instituto Superior Técnico (IST) a sua casa. Primeiro como professor de Eletrónica, depois vice-presidente do IST, presidente, até chegar a reitor da UTL. Tem 59 anos, saudades de dar aulas, mas sobretudo de estar no laboratório. As celebrações do terceiro aniversário da fusão estão marcadas para esta segunda-feira

